

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

NADJA BALDAONI DA SILVA BISPO

SÃO PAULO

2012

NADJA BALDACONI DA SILVA BISPO

ILÚ OBÁ DE MIN:

**IDENTIDADE, ORALIDADE E RELIGIOSIDADE DAS MULHERES COM
TAMBORES**

Trabalho de conclusão do curso de pós
graduação em Gestão de Projetos
Culturais e Organização de Eventos
produzido sob orientação da professora
doutora Fabiana Felix do Amaral e Silva.

SÃO PAULO

2012

AGRADEÇO:

À Profª Drª Fabiana Felix do Amaral Silva, pelas orientações repletas de inspirações, pelo incentivo e dedicação.

Aos meus irmãos, Iuri e Giulia, por ser sempre mais do que uma irmãos e oferecer toda leitura, ajuda e apoio necessários.

Aos meus pais, por acreditarem sempre em minha capacidade e não me deixarem desistir.

Aos meus avós pela força e abraços.

Aos meus amigos e colegas pelas palavras de apoio e amizade.

“Na cidade ecoam os tambores. São mulheres de muitos lugares, de todas as raças, de tantos valores, Que se unem a tocar. Para o nosso rei Obá. Pedindo paz e proteção. A quem vem prestigiar”.

Cris Blue – Ilú Obá de Min e de todas nós

RESUMO

BISPO, Nadja Baldaconi da Silva. Ilú Obá de Min: Identidade, oralidade e religiosidade das mulheres com tambores. (Especialização em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos) - Centro de Estudos Latino Americano, Universidade de São Paulo. São Paulo.

Esse trabalho tem como objetivo contribuir para a reflexão de um outro olhar em relação a mulher no Carnaval, desmistificar a mulher objeto explorada no imaginário do turista e evidenciar como ela pode ser compreendida através de manifestações de cultura e arte.

Para tal abordagem, contrapondo-se a visão estereotipada e hegemônica da mulher durante o Carnaval, estudou-se o Bloco Afro Ilu Obá de Min, grupo de mulheres ritmistas que usam a arte e cultura negra para o empoderamento da mulher.

Como base, foram estudados referenciais teóricos que exemplificam e discutem o papel da mulher no Carnaval brasileiro, a relação de valorização da cultura subalterna, a cultura afro-brasileira, música e fé *candomblista*, e movimentos de resistência negra e feminina, visando assim um novo contexto da mulher propagando a cultura através de sua identidade, oralidade e religiosidade.

Palavras chave: Mercantilização da mulher, Bloco Ilú Óba de Min, identidade, oralidade e religiosidade.

ABSTRACT

BISPO, Nadja Baldaconi da Silva. Ilú Obá de Min: Identity, orality e religiousness of women with *tambores*. (Specialization in Project Management and Organization of Cultural Events - Centro de Estudos Latino Americano, São Paulo University. São Paulo.

This paper aims to contribute at the reflection of a different view about the female image at the Brazilian Carnival, demystifying the woman's stereotyped image explored in the imaginary of visitors and demonstrating how to understand these women through manifestations of culture and art.

In order to achieve it, in opposite view of the hegemonic and stereotypical approach of women during the Carnival, the main subject of study was the Group *Bloco Afro Oba Ilu Min*, group of female percussionists, which make use of art and black culture for the enhancement of women.

To adduce and discuss the female role in the Brazilian Carnival, the relationship between appreciation of subaltern culture, *african-brazilian* culture, music and faith of *Candomblé*, Black resistance movements and feminist movements, theoretical and practical examples of references were addressed, seeking a new contextualization of women, spreading their culture through identity, orality and religiousness.

Key-words: Commodification of women, Bloco Ilú Oba de Min, identity, orality, and religiousness.

RESUMEN

BISPO, Nadja Baldaconi Da Silva. Ilú Obá de Min: Identidad, Oralidad y Religiosidad de las mujeres com los tambores. (Especialización en Gestión de Proyetos y Eventos Culturales) – Centro de Estudios Latinoamericanos. Universidad de São Paulo. São Paulo.

El presente trabajo pretende contribuir para la reflexión de un punto de vista diferente acerca de la mujer en el carnaval brasileño, desmitificar la idea de mujer como objeto explorado en el imaginario del turista y demostrar cómo se puede entender una nueva vision e a través de manifestaciones de la cultura y el arte.

Para demostrar la diferencia de la visión hegemónica y estereotipada de la mujer durante el carnaval, se estudió el Bloco Afro Oba Ilu Min, un grupo de percusionistas mujeres que usan el arte y la cultura negro para el empoderamiento de las mujeres.

Para ejemplificar y discutir el papel de la mujer en el carnaval de Brasil, se há estudiado como base teórica la apreciación de la cultura subalterna, la cultura afro-brasileña, la musica y la fe candomblistas y lós movimientos de resistência del negro e de la mujer. Por lo tanto con el objetivo de un nuevo contexto de la mujer mediante la difusión de la cultura de su identidad, oralidad y religiosidad.

Palabras claves: Mercantilización de las mujeres, Bloco Ilú Oba Min, identidad, oralidad y religiosidad.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Corpo de baile. Apresentação Bloco Afro Ilú Obá de Min 2012	17
Figura 2: Cantoras do Bloco Afro Ilú Obá de Min.....	18
Figura 3: Apresentação Bloco Afro Ilú Obá de Min 2012.....	18
Figura 4: Ensaio do Bloco Afro Ilú Obá de Min.....	19
Figura 5: Dança Bloco Afro Ilú Obá de Min.....	19

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1.MERCANTILIZAÇÃO DA MULHER NO CARNAVAL	10
2. CARNAVAL: POPULAR E/OU MASSIFICADO?.....	12
3. METODOLOGIA E ESTRATÉGIAS.....	14
4. FESTA E ARTE: MULHERES E ORIXÁS.....	16
4.1 O CANTO DO TAMBOR: IDENTIDADE, ORALIDADE E RELIGIOSIDADE..	20
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	25
ANEXOS	27

INTRODUÇÃO

O primeiro semestre do ano no Brasil é marcado pelo carnaval. Música, mulheres sambando, grandes investimentos, turistas lotando o sambódromo, são alguns exemplos da imagem estereotipada do que seria o carnaval brasileiro. Entretanto há muito mais cultura do que apenas essa visão genérica. A cultura subalterna urge em manifestações que crescem a cada ano.

É justamente esse movimento de contestação que constitui a base desta pesquisa, analisando a manifestação do Bloco Afro Ilú Obá de Min como instrumento para desmistificar a imagem da mulher difundida atualmente pela mídia hegemônica.

Como metodologia foi utilizada a Filosofia da Práxis, onde o sujeito pesquisador e o objeto pesquisado tem interação, colocando os conceitos teóricos na prática e visualizando-os dentro da realidade. No primeiro momento realizou-se uma visão exploratória do objeto de estudo, analisando suas práticas culturais e seus processos de identificação. Paralelamente, foram estudados referenciais teóricos que discutem o papel da mulher no carnaval brasileiro. Em um segundo momento foi realizada a pesquisa participante em visita ao Ponto de Cultura Ilú Òna, participação nos ensaios e realização de entrevistas semiestruturadas com as criadoras e componentes do Bloco Afro Ilú Oba de Min.

A vivência durante o trabalho de campo, assim como a análise das entrevistas, compôs o quadro de argumentos propostos pela pesquisa - identidade, oralidade e religiosidade. Portanto, foi possível compreender o papel da mulher nos processos socioculturais desenvolvidos por meio dessa manifestação. Contrapondo o carnaval como espetacularização e exploração da sexualidade da mulher, rediscutindo a problemática até então enraizada no imaginário coletivo a partir de um novo foco.

1. MERCANTILIZAÇÃO DA MULHER NO CARNAVAL

O uso do corpo da mulher para publicidade do Brasil pode ser entendido dentro do processo histórico do país. Essa prática é feita desde o período de colonização e é frequente até os dias atuais. São inúmeros exemplos, desde as cartas de Pero Vaz de Caminha, onde descrevia as índias e suas “vergonhas” sempre a mostra sem nenhum pudor católico, os romances em livros onde a negra escrava se apaixona pelo colonizador branco, as novelas que retratam o negro minorizado e com objetificação radical da mulher, a divulgação do carnaval brasileiro, expondo as “nativas” nuas ou seminuas colocando-se como objeto de consumo. São inúmeros os exemplos que podemos citar onde a mulher brasileira é ofertada para instigar o imaginário do turista, fazendo-o buscar o exótico para o seu desfrute.

Esses modos de divulgação utilizam fortemente o imaginário “Paraíso das Mulatas” e percebemos sua importância quando as imagens de um destino e seus imaginários são a medida das relações entre turista, destino e residentes.

No turismo, a importância das imagens e imaginários é evidenciada pelas análises que demonstram que uma das dimensões do turismo é a comunicação, e através dela que se produz a motivação para o deslocamento turístico. (GOMES, 2009: p. 2)

O imaginário instigado, feito por imagens de mulheres nuas ou seminuas em paisagens exuberantes, constrói um estereótipo da mulher brasileira, onde é vista como sensual, alegre, fazendo com que o turista perceba o Brasil, mais especificamente durante o Carnaval, como um paraíso sexual.

Quando Paulo Rigger saiu, um grupo de mulatas sambava na rua. Cor de canela, seios quase à mostra, requebravam-se voluptuosamente, num delírio. Paulo viu ali todo o sentimento da raça. Viu-se integrado no seu povo. Caiu no samba. (AMADO, 1931: p.15)

Tal estereótipo modifica a realidade, sendo uma visão bastante distorcida e simplista, provoca assim uma atitude favorável ou desfavorável em relação à localidade e seus autóctones.

Muitos turistas buscam o Brasil durante as festividades do Carnaval, justamente por conta desse estereótipo. Música contagiante, mulheres sensuais, sexo fácil, são as palavras mais citadas quando se fala no Carnaval brasileiro, uma visão simplista e hegemônica, onde negam-se atributos importantes como a identidade, oralidade e religiosidade do povo brasileiro.

A ideia de sensualidade surgiu quando, por intermédio de ações políticas reinterpretou-se a cultura popular associando o Brasil à musicalidade e à sensualidade através de clichês veiculados principalmente no cinema e nos meios de comunicação, como o rádio e a televisão. (CAETANO, 2004: p.5).

Essa visão estereotipada e genérica onde a mulher é pré-julgada e moldada para ser apenas um objeto de consumo é fortemente difundida durante a divulgação do carnaval brasileiro. Conforme apontam Calazans e Feijó “se destacam as mulheres, desde anônimas até as artistas de TV. Funciona como um palco, onde elas conseguem se projetar como símbolos sexuais e musas do Carnaval.” (CALAZANS e FEIJÓ, 2002: p.10). Projetando assim, uma imagem da mulher objeto interferindo na forma de agir e as atitudes tomadas pelos visitantes viajando pelo país.

Percebem-se pequenos avanços em relação ao papel designado à mulher, principalmente à mulher negra dentro da mídia hegemônica, mas ainda está longe de ser suficiente para desmistificar esse estereótipo. A mulher negra é retratada na maioria das vezes como tentação, sedução e traição. Somente a ocupação na esfera midiática hegemônica sem nenhuma releitura dessa imagem não modifica o olhar preconceituoso enraizado no imaginário coletivo, como podemos verificar com Oliveira e Pavan em seu artigo sobre as relações étnicas na telenovela “Da Cor do Pecado”.

Não desconsiderando a importância do espaço conquistado pelos negros na mídia como esta telenovela pode demonstrar, levantar outras questões importantes para que a mera ocupação do espaço não seja vista como suficiente para considerarmos que os mecanismos de preconceito racial estejam em declínio na mídia.[...]Os questionamentos apresentados pelos movimentos negros a respeito da novela “Da cor do Pecado” direcionaram para o nome da novela que relembra a ideia de que o negro é da cor do pecado, a mulher negra é a tentação. (OLIVEIRA e PAVAN, 2011 p. 3)

O momento em que a mulher negra é retratada na televisão deve ser analisado criteriosamente, pois pode camuflar uma visão genérica e racista. É um espaço cedido tão raramente que muitas jovens sonham em um dia conquistá-lo mesmo que para isso sejam transformadas em objeto de consumo.

A maioria delas vem da periferia. O sonho delas é estar na frente de uma bateria e aparecer na Rede Globo de Televisão. Porque elas não têm nada, elas tem tão pouco, que só de colocar uma fantasia bonita em um dia do carnaval, chegar na avenida e ver aquele monte de gente, elas estão realizando um sonho....ali elas querem ser princesas, rainhas, querem ser da corte do carnaval. E na fantasia do carnaval você pode ser o que você quiser. E é o espaço que nos dão. (Cleusa, apresentadora de porta bandeira, transcrição de depoimento retirado do filme “Fala Mulher” 2005).

A hipótese central desse trabalho é rediscutir o quadro de exploração, estereotipização e *objetificação* da mulher a partir das práticas da manifestação cultural - Bloco Afro Ilu Obá de Min, verificando as possibilidades de reafirmação étnica da mulher negra centrando em três eixos de análise: a identidade, a oralidade e a religiosidade.

Formado e dirigido por mulheres ritmistas, o Bloco faz parte do Ponto de Cultura Ilú Òna – Caminhos do Tambor. Na sexta-feira pré-carnaval é que o Bloco mostra para sociedade o espetáculo que criou, desenvolveu e ensaiou durante todo o ano.

O Bloco mantém um diálogo cultural constante com o Continente Africano utilizando-se dos instrumentos, dos cânticos e da dança, visando o fortalecimento individual e coletivo das mulheres na sociedade.

A questão de gênero é enfrentada pelo fortalecimento individual e coletivo das mulheres como protagonistas, pelo processo de alteridade, possibilitando o reconhecimento das suas diferenças ao mesmo tempo em que se percebem muito próximas na essência. (ROSA, 2010: p.5).

O intuito do Bloco, além de preservar e divulgar a cultura afro-brasileira por meio da música e dança, também tem como objetivo principal o empoderamento da mulher dentro da sociedade. Um exemplo é a prática de tocar o tambor, ainda visto

como exclusivamente masculino, por isso o Bloco atua como uma rediscussão do papel da mulher dentro da música e de sua participação no carnaval paulistano.

2. CARNAVAL: POPULAR E/OU MASSIFICADO?

O Carnaval assim como outras festas populares tem tido uma crescente valorização, principalmente no Brasil. Isso se deve ao fator econômico, dentre outros, já que traz expansão do turismo local. Há de se questionar se esse fenômeno também constrói laços identitários onde os participantes se tornam protagonistas e divulgadores da cultura subalterna contrapondo a mídia hegemônica. Para entender o conceito de cultura subalterna, Renato Ortiz explica que: “O pensador italiano Antônio Gramsci, ao criar essa expressão, empregava-a no sentido de diferenciar patrimônio cultural do povo da cultura oficial.” (ORTIZ, 1992: p.60).

O turismo se apropriou do Carnaval, trazendo grandes benefícios econômicos, principalmente devido à exploração nas grandes mídias. Os focos principais Rio de Janeiro, Bahia e São Paulo iniciam uma divulgação massiva pelo menos três meses antes da “grande festa”. A televisão incita o público com as vinhetas mostrando trechos dos samba enredo e mulheres das escolas de samba do grupo especial que desfilarão no sambódromo. Aproveitando o momento, as agências de viagem fazem anúncios, tanto em terras nacionais quanto no exterior, de pacotes fechados para todos os dias de “*folia*”. O comércio também aproveita a época para criar promoções ou divulgar sua marca fazendo ligações com o carnaval. Um dos produtos mais divulgados durante essa época é a cerveja, sempre acompanhada de pelo menos uma mulher negra, bonita, com trajes de carnaval, sendo assim, mais um exemplo de uso de um estereótipo e *objetificação* da mulher.

Essa divulgação do carnaval desconfigura a cultura do Brasil, pois exprime uma interpretação de costumes, e em se tratar da cultura de um povo, principalmente a cultura brasileira, torna-se necessário pensar em seus conflitos inerentes. Não há tal unidade, a cultura divide-se em diversos aspectos sociais, conforme aponta Alfredo Bosi:

Estamos acostumados a falar em cultura brasileira, assim, no singular,

como se existisse uma unidade prévia que aglutinasse todas as manifestações materiais e espirituais do povo brasileiro. Mas é claro que tal unidade ou uniformidade parece não existir em sociedade moderna alguma e, menos ainda, em uma sociedade de classes. (BOSI, 1992, p. 308)

Os meios de comunicação reduzem ou dizimam as manifestações da cultura popular, descrevendo-as como folclore para a expansão do turismo, não existindo espaço próprio para os modos de ser, pensar e falar, principalmente se refletirmos sobre a sociedade de classes. A classe subalterna, ou seja, fora do eixo elitista e hegemônico, é exposta à cultura de massa, ocupando suas horas de lazer, perdendo assim um tempo onde poderia desenvolver sua auto expressão.

Cultura de massa é o produto determinado pela indústria cultural capitalista, processo corrente de difusão na sociedade de consumo, onde tudo é fabricado em série e montado na base de algumas receitas de êxito rápido, focadas exclusivamente na rentabilidade.

A partir disso, conclui-se que não se pode reduzir o Carnaval Brasileiro apenas àquele explorado pela mídia hegemônica, já que existem manifestações da cultura subalterna que se contrapõe a cultura de massa.

[...] ao expor a cultura, a memória histórica, os usos e costumes dos povos, as manifestações das classes subalternas poderão subverter as propostas do turismo predatório, transformando-o em uma opção cultural, a qual tanto poderá beneficiar o próprio turista, como, principalmente, as comunidades envolvidas em tal atividade. (FERREIRA, 2005: p. 70)

Deve-se considerar a beleza da união e cidadania trabalhadas pela comunidade durante o ano todo, os empregos gerados, a arte desenvolvida e principalmente a autoestima dos participantes predominantemente negros e de baixa renda, onde veem sua cultura e esforço aclamados por pelo menos algumas horas dentro da multidão.

3. METODOLOGIA E ESTRATÉGIAS

A hipótese central deste trabalho foi compreender como uma manifestação

cultural Bloco Afro Ilú Obá de Min pode desmistificar uma característica que, até então, estava enraizada no imaginário coletivo.

Como metodologia foi utilizada a Filosofia da Práxis, onde o sujeito pesquisador e o objeto pesquisado tem interação, colocando os conceitos teóricos na prática e os visualizando dentro da realidade. No primeiro momento realizou-se uma visão exploratória do objeto de estudo, analisando suas práticas culturais e seus processos de identificação. Paralelamente, foram estudados referenciais teóricos que exemplificam e discute o papel da mulher no Carnaval Brasileiro, a relação de valorização da cultura subalterna, a cultura afro-brasileira, música e fé do Candomblé e movimentos de resistência negra feminina. Em um segundo momento foi realizada como estratégia a pesquisa participante, com visita ao Ponto de Cultura Ilú Òna, participação nos ensaios e realização de entrevistas semiestruturadas com as criadoras, diretoras e componentes do Bloco Afro Ilú Oba de Min.

A Filosofia da Práxis se faz necessária para um novo olhar sobre a cultura, já que a ordem econômica-política-cultural reprime aspirações populares para que haja um pensamento único.

[...] para Gramsci filosofia da práxis é a atividade teórico-política e histórico-social dos grupos "subalternos" que procuram desenvolver uma visão de mundo global e um programa preciso de ação dentro do contexto em que vivem, com os meios que têm à disposição, visando a construir um projeto hegemônico alternativo de sociedade. (SEMERARO, 2000, p.5).

Como estratégia metodológica optou-se pela observação participante, onde o sujeito pesquisador interage com a manifestação, observando todo o processo e utilizando como instrumento o diário de campo, que é constituído pela descrição narrativa e análise com reflexão em relação à vivência. Essa vivência foi realizada na apresentação do grupo durante o carnaval de 2011, em dois ensaios do grupo embaixo do Viaduto do Chá e na apresentação em 2012, possibilitando assim verificar as expressões espontâneas dos participantes, como se articulam e se identificam entre si. Foram realizadas as entrevistas semiestruturadas a fim de obter informações e perceber dentro das argumentações e pontos de vista das pessoas entrevistadas, as características analisadas dentro do estudo: identidade, oralidade e religiosidade.

Para responder aos questionamentos propostos, o trabalho foi organizado a partir

das questões apontadas nos objetivos específicos:

- Levantar referenciais teóricos que exemplificam a divulgação do Carnaval para avaliar aspectos que evidenciem a mercantilização do corpo da mulher através de imagens sexualizadas e estereotipadas.
- Analisar junto ao grupo Bloco Afro Ilu Obá de Min como estrutura-se o discurso contrário ao processo de mercantilização e exploração da mulher, para avaliar elementos de reafirmação étnica e de identidade cultural.
- Verificar as práticas do grupo durante o Carnaval para levantar aspectos da construção de uma visão contrária a mercantilização da mulher negra, evidenciando aspectos da cultura afro-brasileira.

A vivência durante o trabalho de campo, assim como a análise das entrevistas e referenciais teóricos compôs os argumentos propostos pela pesquisa.

4. FESTA E ARTE: MULHERES E ORIXÁS

Na sexta-feira pré-carnaval o centro da cidade de São Paulo fica mais colorido, o som das buzinas é substituído por tambores e no alto vemos homens e mulheres em pernas de pau se misturando com os prédios da metrópole. Mas as grandes estrelas da noite estão no chão, vestidas com cores e desenhos africanos, as mulheres ritmistas são as protagonistas do espetáculo.

Essa grande festa é um trabalho desenvolvido pelo Ponto de Cultura Ilú Ôná – Caminhos do Tambor, com seu Bloco Afro Ilú Obá de Min, composto exclusivamente por mulheres, afro descendentes ou não, que utilizam o canto, a música e a dança para resgatar e valorizar a cultura afro-brasileira.

De acordo com a entidade o Ponto de cultura possui os seguintes projetos:

1- Bloco Afro Ilú Obá De Min: cujo objetivo é divulgar as tradições percussivas, musicais e coreográficas africanas e afro-brasileiras a partir de oficinas de rua para mulheres.

- 2- Corpo de baile Ilú Oba De Min, cujo objetivo é trabalhar com a dança de matriz africana e afro-brasileira, sendo o único projeto em que há presença masculina.
- 3- Ilú na Mesa - ciclo de palestras e debates com objetivo de promover a reflexão entre as integrantes da entidade e sociedade em geral sobre temas voltados para educação, cultura e arte negra.
- 4- Heranças Africanas: que divulga e dialoga com os inúmeros grupos culturais brasileiros que desenvolvem pesquisa-ação voltada para as culturas de matriz africana e afro-brasileira
- 5 – Tenda Afro Lúdica: Utilizando jogos, brincadeiras e teatro, tratam assuntos sobre identidade, preconceitos e diversidade para jovens e crianças.

A entidade foi fundada e é dirigida por Beth Beli, negra, candomblista, ritmista e mestra de bateria. Beth conta que já havia participado de outros grupos, mas nenhum tinha a presença expressiva da mulher, por isso, criou o Bloco Afro Ilú Obá de Min de mulheres que tocam diversos instrumentos, mas o principal deles é o tambor, pois na maioria das manifestações é visto como um instrumento masculino. Ser mulher, ser negra e tocar tambor com o intuito de empoderamento da mulher são características desafiadoras dentro de uma sociedade regida em sua grande maioria por homens.

A participação das mulheres é uma particularidade rara e o grupo contribui para o início de um novo ordenamento no que concerne à possibilidade do protagonismo feminino na manifestação.

Como afirma Ferreira, “(...) um dos elementos mais significativos no processo de realização da festa é a transformação do indivíduo comum em protagonista daquele evento.” (FERREIRA, 2005, p. 62). Durante a manifestação as mulheres são protagonistas e dirigentes do espetáculo, são elas que comandam o cortejo.

No total a manifestação é composta por um grupo de mais de 130 pessoas, divididas entre o Bloco Afro Ilú Obá de Min com suas mulheres ritmistas e o Corpo de Baile Ilú Obá de Min formado por dançarinos e artistas em pernas de pau vestidos de orixás. O bloco é acompanhado por um pequeno caminhão com as caixas de som e “cordeiros” pessoas que seguram uma corda para separar os artistas do público.



Figura 1. Corpo de baile. Apresentação Bloco Afro Ilú Obá de Min 2012 **Fonte:** do autor.

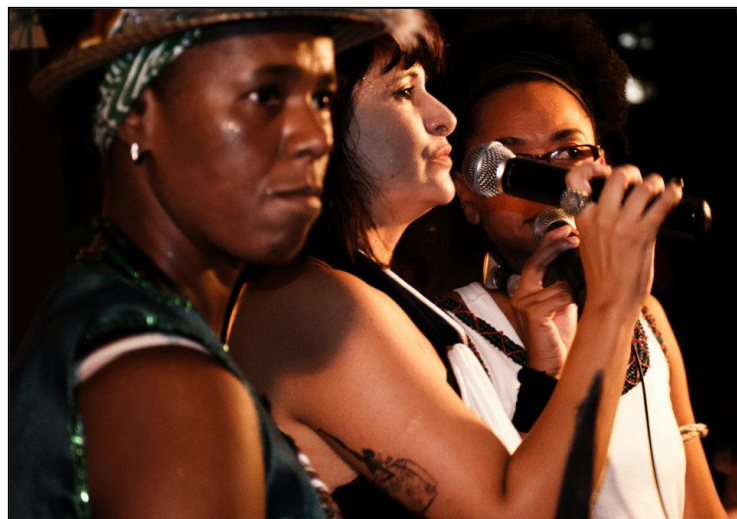


Figura 2. Cantoras do Bloco Afro Ilú Obá de Min.
Fonte: Ponto de Cultura Ilú Obá de Min.

As ritmistas estão ornamentadas de acordo com o tema do ano, sempre com as influências africanas. Os “orixás” estão vestidos com as cores e entidades conforme descrito no Candomblé. Oxúm, por exemplo, é representada por uma negra com vestes amarelas, um espelho nas mãos e menções aos peixes, já que é a entidade das águas doces e calmas. A música também é parte da identidade de cada Orixá, que os faz dançar junto com os humanos.



Figura 3. Apresentação Bloco Afro Ilú Obá de Min **Fonte:** do autor.



Figura 4. Ensaio do Bloco Afro Ilú Obá de Min
Fonte: Ponto de Cultura Ilú Obá de Min



Figura 5. Dança Bloco Afro Ilú Obá de Min. **Fonte:** do autor.

O percurso se inicia no Viaduto Major Quedinho e segue para Rua Quirino de Andrade, Rua Xavier de Toledo, Rua Conselheiro Crispiniano, Avenida São João e Largo do Paissandú. O fechamento é feito nas escadas da Igreja do Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. O local é simbólico já que a igreja representa a luta pelos direitos dos negros no Brasil.

Assim, a rua enquanto nível de entendimento do cotidiano e da espacialidade das relações sociais coloca-se na perspectiva da constituição da sociedade urbana em seu movimento interno baseado na prática social na medida que expõe o vivido. (CARLOS, 2007: p.54)

A apropriação da rua muda o sentido dela, seu uso diferenciado do cotidiano marca a expressão do grupo, transformando a simples rua de “passagem” em um palco cultural.

A história, o tempo, a cultura ancestral, a diáspora, a escravidão, a liberdade, a luta contra preconceitos de cor, gênero, religião, identidade e condições sociais passam a se manifestar ali mesmo, ao vivo, na avenida. (ROSA, 2010: p. 7)

O Bloco Afro Ilú Obá de Min é uma das opções alternativas dos paulistanos e turistas, além de ser gratuito, não está ligado ao calendário oficial, sendo uma contraproposta para o Carnaval de espetáculo realizado no Sambódromo, divulgado na mídia hegemônica. O público é diversificado, adeptos ou não do Candomblé, misturam-se homens e mulheres, brancos, negros, mestiços, todos juntos para assistir e participar da manifestação, dançando e cantando ao redor do cordão se apropriando das ruas da metrópole.

4.1 O CANTO DO TAMBOR: ORALIDADE, IDENTIDADE E RELIGIOSIDADE

O olhar feminino para cultura negra é diferente e especial, já que o tambor é igual a mulher, geradora de dentro para fora. O ventre nas mulheres é a caixa de

ressonância do tambor, onde guardam dentro de si o que vai ecoar no mundo, é a liberação do axé – força sagrada da vida. Assim como a cultura popular, nasce dentro de um grupo com seus costumes, falas, ritos e expande-se para fora mostrando-se para sociedade disseminando sua cultura. O Bloco Afro Ilu Obá de Min também é gerador, pois serve de referência a outros grupos, trazendo multiplicação e resistência da cultura negra.

A cada toque no tambor das ritmistas percebemos quais princípios civilizatórios identidade, oralidade ou religiosidade, fizeram com que cada uma delas unira-se ao grupo, mas o fator em comum é o “pertencimento” que elas encontram dentro do bloco.

De acordo com Ferreira, “a festa traz um local simbólico onde seus valores e crenças podem ser praticados coletivamente. Uma conscientização de “pertencimento” a determinado grupo”. (FERREIRA, 2005, p. 63).

No Bloco as mulheres podem ser negras, podem ser brancas, podem ser feministas, podem ser do candomblé, podem cantar e podem tocar tambor. Elas se satisfazem, pois são valorizadas de dentro para fora, ao pertencer ao grupo são reconhecidas dentro dele pelas outras participantes e ao se apresentarem são valorizadas pelo público. No coletivo elas encontram a si mesmas e sentem-se livres para mostrar o que são. Esse “pertencimento” ao grupo contribui para formação de sua identidade individual.

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconsistentes, e não algo inato. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” (HALL, 1981, P.239)

Os ensinamentos para os ensaios são passados de maneira oral e vão muito mais do que apenas canções e ritmos. Cada música tem sua história, sua lenda e para que as ritmistas toquem com maior veracidade é preciso escutar e entender o contexto histórico. Como afirma Prandi, “A música africana é ritmo, ritmo de tambor, é som provido de sentido”. (PRANDI, 2005: p. 5).

De acordo com Habermas:

É através da oralidade que a identidade cultural se torna consistente e

capaz de promover a sua auto-afirmação, as narrativas orais expressam hábitos e valores, cujo compartilhamento se dá no ambiente familiar, religioso, comunitário, escolar e etc. As ações de fala servem à tradição e à continuidade do saber cultural e à conservação de identidades sociais.

A identidade cultural de uma sociedade representada pelo canto incorporam na sua fala, ideologia, a crença, os valores, os costumes e o comportamento dos seus indivíduos, mesmo que estes sejam natos ou produtos de uma hibridização. Essas narrativas orais deixam emergir traços identitários, que embora sendo produto de hibridização, não se massificam. (HABERMAS, 2002: p. 98)

A música do Candomblé que gerou o samba e por consequência o carnaval. Prandi conta que, “os ritmos intensos produzidos por tambores, que há muito extravasam os portões dos terreiros santos para invadir ruas e avenidas da cidade, no carnaval e fora dele”. (PRANDI, 2005: p.5)

A chegada dos negros ao Brasil trouxe religiões, mitos, línguas, valores sociais de diversos povos africanos e a característica mais marcante a música. Ela se faz importante, já que se canta e toca em todos os momentos, para a chegada do sol, para a colheita de plantas, para os orixás visitarem os humanos, assim como para sua despedida, acreditam que a música que mantém os sonhos vivos.

O poder religioso é detido sempre pelo homem na maioria das sociedades até então conhecidas. Referindo-se ao candomblé brasileiro a mulher pode ocupar o ápice da hierarquia religiosa. De acordo com Souza:

As mulheres asseguravam a ordem da casa grande, chefiavam quilombos, participaram de levantes abolicionistas, recriaram e transplantaram os primeiros terreiros de Candomblé onde elas próprias realizavam os seus rituais. (SOUZA, 2008, p. 3)

Bernardo também afirma que:

É no solo brasileiro que frutificará o Candomblé, a terra-mãe como metáfora para os africanos e seus descendentes. Se o Candomblé representa a terra-mãe que, por sua vez, possui os seus significados ligados ao feminino, essa expressão religiosa, ao representá-la, ganha todas as suas significações. É nesse sentido que a grande sacerdotisa do candomblé é chamada de mãe-de-santo. (BERNANDO, 2008, p.11)

Ainda sim, é notável o imperialismo e predominância do homem quando tratamos sobre o toque do tambor. Analisando o depoimento de Baby Amarin, uma das diretoras do Bloco “Entre na roda com meu próprio tambor, não deu cinco minutos para que um homem o pedisse emprestado, deixando as mulheres em segundo plano”. Ainda sobre essa condição Souza, questiona:

“Avalio ser um paradoxo, assim como descontextualizado o depoimento de um integrante de afoxé, justificar com base na tradição africana que só quem toca os instrumentos são pessoas do sexo masculino, porque isso já vem do antepassado...os instrumentos foram feitos para o homem, não para mulher”. (SOUZA, 2008, p. 4)

O Bloco Afro Ilu Obá de Min se posiciona como força de resistência não só da cultura negra como também do protagonismo feminino dentro da percussão de tambores africanos.

Beth Beli, fundadora e diretora do Bloco, conta que:

Nascida e criada no bairro da Brasilândia, comecei a vida musical com a percussionista e cantora Girlei Luisa Miranda, filha do bacharel do samba Gilberto Bonga. Ali em sua casa, onde se reuniam os bambas do samba paulistano, tive o meu primeiro contato com o que havia de melhor no samba e na música popular brasileira. Partindo dessa vivência e influência, fui em busca dos estudos dos ritmos afro-brasileiros e africanos. As minhas maiores influências musicais foram e continuam sendo os ritmos religiosos do candomblé. (BELI, Beth. entrevista concedida em: 14/03/2012).

De acordo com o depoimento acima, podemos extrair as características aqui estudadas, suas influências formaram sua identidade, adicionando com sua religiosidade e a oralidade passada através da música desde sua juventude.

Fazer festa significa colocar-se diante do espelho, procurando a si mesmo e à sua identidade; é buscar reencontrar as garantias histórico-culturais, re-confirmando-as na força da representação, no ato comunicativo e comunitário. (FERREIRA, 2005: p.64).

Durante a manifestação, a identidade coletiva e individual de cada integrante é visualizada através de suas expressões artísticas criadas a partir da oralidade e religiosidade. Por meio dessas práticas o grupo cria uma identidade diferenciada e

contraposta ao carnaval hegemônico onde a mulher é retratada apenas como objeto de consumo. O Bloco Afro Ilú Obá de Min cria um novo olhar e uma força de resistência não só da cultura negra como também da mulher como produtora, protagonista e multiplicadora da cultura através da música.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho comprova que, mesmo com a exploração da mulher feita pela mídia hegemônica com o intuito de atrair turistas em busca do atrativo materializado na mulher brasileira, existem grupos que rompem com a mercantilização da mulher como objeto.

Isso se comprova através do exemplo estudado, Bloco Afro Ilú Obá de Min que propõe um novo olhar para o carnaval, sendo uma proposta diferenciada onde a mulher é portadora e porta voz de cultura e arte, difundindo sua identidade.

Também desmistifica que o carnaval brasileiro não é apenas àquele explorado pela mídia hegemônica, já que existem manifestações da cultura subalterna que se contrapõem a cultura de massa, apresentando-se fora o circuito oficial do carnaval.

Essa percepção pode ser considerada como um ato de resistência, utilizando-se da oralidade, pois é através da música que a ideologia, a crença, os valores, os costumes e o comportamento dos seus indivíduos são preservados, difundidos e multiplicados.

As participantes do Bloco Afro Ilú Obá de Min sentem-se pertencentes a um grupo, debatendo e criando através da oralidade e religiosidade sua identidade mudando assim o contexto de exploração da mulher gerando um novo olhar em relação às mulheres detentoras e produtoras de cultura e arte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AMADO, Jorge. **O país do carnaval**. Companhia das Letras, São Paulo, 2011.
- AMARAL, Rita. **Festa à brasileira: Sentidos do festejar no país que “não é sério”**. São Paulo, 2001.
- AOUN, Sabah. **A procura do paraíso no universo do turismo**. Campinas-SP, Papirus, 2001.
- BENI, Mário. **Política e planejamento de turismo no Brasil**. São Paulo: Aleph, 2006
- BERNARDO, Teresinha. **O Candomblé e o Poder Feminino**. Revista de Estudos da Religião; n.2:1-21; 2005. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv2_2005/t_bernardo.html. Acessado em fevereiro de 2012.
- BIGNAMI, Rosana. **A imagem do Brasil no turismo**. São Paulo: Aleph, 2002
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo, Companhia das letras. 1992. pp 308 – 345, cultura brasileira e culturas brasileiras.
- CAETANO, R. **A publicidade e a imagem do produto Brasil e a mulher brasileira como atrativo turístico**, In: Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 27, Porto Alegre. São Paulo: Intercom, 2004.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo. FFLCH, 2007

FEIJÓ, Fernando; CALAZANS, Flávio. **A imagem internacional do turismo sexual no Brasil: o “prostiturismo” no marketing turístico.**

FERREIRA, Maria Nazareth. **Comunicação, resistência e cidadania: as festas populares.**

Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/2002/np03/NP3FEIJO.pdf> Acessado em fevereiro de 2012.

GASTAL, Susana. **Turismo, Imagens e Imaginários.** São Paulo: Aleph, 2005.

GOMES, Mariana Selister. **A construção do Brasil como paraíso das mulatas: do imaginário colonial ao marketing turístico.**

HALL, Stuart.

NICOLETA, Kika e RODRIGUES, Graciela. **Fala Mulher.** Filme. Dilema Studio, São Paulo. 2005. DVD, 80 minutos.

OLIVEIRA, Dennis de. Diáspora Africana na América Latina, tolerância opressiva e perspectivas de transformação.

OLIVEIRA, Dennis de. e PAVAN Maria Angela. **Identificações e estratégias nas relações étnicas na telenovela “Da Cor do Pecado”**, São Paulo.

ORTIZ, Renato. **Cultura popular: Românticos ou folcloristas.** São Paulo. Olho d'Água. 1992 - 102 páginas

PRANDI, Reginaldo. **Segredos Guardados: orixás na alma brasileira.** Capítulo 8 (Música sacra e música popular) São Paulo, Companhia das Letras, 2005, págs. 175-187. Disponível em <http://www.fflch.usp.br/sociologia/prandi/musicafe.rtf>. Acesso em fevereiro 2012.

ROSA, Branca Regina. **Mulheres ritmistas do Ilú Òna.** 2010

SILVA, Fabiana Felix do Amaral. **Novas subjetividades subalternas na cidade: cultura, comunicação e espacialidade.** Tese de doutorado, São Paulo, 2011.

SOUZA, M. Ester. **Akodidé – Poder feminino e relações de gênero no contexto dos afoxés de Pernambuco.** In Simpósio temático – fazendo gênero 8 – corpo violência e poder, 2008, Florianópolis, ago.2008. P 33-35. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/st16.html>. Acessado em fevereiro de 2012.

